

# Expedição Kali Gandaki

1ª Expedição Feminina ao Upper Mustang-Nepal



Sandra Palma

Sandra Palma

**Expedição Kali Gandaki**  
1ª Expedição Feminina ao Upper Mustang - Nepal

Editado pela autora

Copyright © 2009 by Sandra de Carvalho Palma

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação, etc, nem apropriada ou estocada em sistema de bancos de dados, sem a expressa autorização da autora.

Produção gráfica: Rogério de Capitani

Revisão: Cristiane Bannwart, Sandra Adamo, Silvio de Capitani, Thomaz Brandolin

Fotos internas: Sandra Palma. Com exceção das fotos em que a autora aparece cujos créditos são de Fernanda Preto.

Gravuras: Rogério de Capitani

Capa: Rogério de Capitani

Foto da capa: A autora diante do ultimo portal que dá acesso à capital de Upper Mustang, Lo Manthang. De Fernanda Preto

Dados de Catalogação na Publicação

(Fundação Biblioteca Nacional – Agência Brasileira do ISBN, Rio de Janeiro, Brasil)

---

Palma, Sandra de Carvalho

Expedição Kali Gandaki – 1ª Expedição Feminina ao Upper Mustang – Nepal. – São Paulo: Sandra de Carvalho Palma, 2009.

Bibliografia

ISBN 978-85-909927-0-7

---

Este livro, composto na fonte Adobe Garamond Pro em corpo 11, foi impresso em papel offset 75gr, formato 130x190mm, 270 páginas, caderno de fotos com impressão 4x4 em papel couchet 90g, foi impresso na Leograf Gráfica e Editora Ltda.

São Paulo, Brasil, Primavera de 2009

## AGRADEÇO

Ao Absoluto por me permitir Trabalhar.

## INSPIRAÇÃO

Meu desejo é que este livro possa inspirar  
àqueles que ainda não acreditam  
no seu próprio potencial de realização.

Para os demais,  
fica aqui mais um registro  
de como transformei meu sonho em realidade.

Esta não é só mais uma obra relatando uma aventura, um sonho realizado, um objetivo atingido, exaltação do feminismo, marketing pessoal ou qualquer coisa do gênero que nos leve a comprar um livro.

A autora nos presenteia com uma belíssima e emocionada narrativa sobre uma região inóspita, com acesso restrito e controlado, de geografia ímpar, com povos de todo tipo de diversidade que elas jamais poderiam ter idéia se não tivessem “vivido” por lá.

Trata-se de uma história intrigante, uma mensagem de lição de vida, um aprendizado de história e geografia, uma visão de gestão de projetos, uma história de amor com final feliz e ainda um exemplo de determinação.

Seria egoísmo meu, ter tido o prazer de poder ler antecipadamente este livro e não dividir com vocês, ou ainda, não convidá-los a desfrutar desta singela, porém verdadeira e espontânea, carinhosa e dedicada obra.

Deliciem-se, sintam, torçam, sofram, entreguem-se as emoções, coloquem-se no lugar da autora e reflitam sobre suas vidas, oportunidades, desejos e realizações.

Já dizia o poeta Vinícius de Moraes:

“ – Quem já passou por esta vida e não viveu, pode ser mais, mas sabe menos do que eu, porque a vida só se dá para quem se deu, pra quem amou, pra quem chorou , pra quem sofreu...”

**Silvio de Capitani**

São Paulo, 11 de maio de 2009



Surge a idéia

Sigo pelas ruelas estreitas e enlameadas do vilarejo de Kagbeni, o vilarejo mais medieval que já visitei no Nepal, encantada com sua arquitetura e habitantes de aparência tão antiga. Suas casas são pintadas de branco, o que não significa que elas ainda mantenham vestígios de brancura em suas paredes. Pequenas janelas quadradas, algumas vezes circundadas por pinturas alegres de formatos geométricos, aguçam minha curiosidade. Diminuo ainda mais meus passos e dou uma espiada na vida do lado de dentro através de uma janela entreaberta. Os cômodos são escuros, mas um feixe de luz amarelada e brilhante corta a imagem em duas partes, permitindo que eu veja os “segredos” da família nepalesa: um conjunto de panelas e utensílios de cozinha, xícaras de chá chinesas ordenadamente arrumadas em pequenas estantes de madeira com portas de vidro. Uma grande garrafa térmica para armazenar o tradicional chá de manteiga. Tapetes grossos de lã cobrem as banquetas e estrados. No chão, algumas pedras estão colocadas de forma a fazer uma estrutura para cozinhar à lenha.

O tom é de densidade ... o cheiro é de erva queimada e manteiga rançosa, as cores são escuras e tudo tem uma camada grossa de fuligem negra. Mas não há ninguém.

Dou uma espiada rápida, com receio de ser vista “bisbilhotando a casa dos outros”... Mas, se houvesse, aceitaria um convite para entrar. Adoraria estar ao lado deles, ouvir suas histórias (mesmo sem compreender tibetano), ver as crianças brincando, as mulheres cozinhando e os homens chegando cansados da lavoura. S e r i a

uma experiência inesquecível! Tudo tão diferente, mas tudo tão igual!

Olho para o alto e posso ver as bandeirolas de oração, tão típicas das regiões budistas. Ficam em cima de todos os telhados, amarradas aos grandes *chortens* (um tipo de monumento Tibetano correspondente às estupas indianas, que contém às vezes, objetos religiosos ou cinzas de lamas famosos.) e até amarrados aos galhos de



algumas árvores. Elas são coloridas, têm estampados os ensinamentos de Buda e expressam - falando de modo simples: “Evite prejudicar as pessoas e ajude-as o máximo possível”.

E dançam conforme o ritmo dos ventos no Himalaia! Os nepaleses acreditam que o vento transportará estas mensagens a todas as pessoas do planeta, a todo o universo e ao Criador. E aquele que passar por elas e agitá-las com fé, obterá o mérito da bênção de Gautama Buda. E quantas vezes o fizer, tantas serão as bênçãos recebidas.

O curioso é que, uma vez amarradas, elas ficam ali até que se transformem em um tecido fino o suficiente para rasgarem sozinhas, caírem no chão e se desmancharem mais tarde. Ninguém mexe nelas.

Gosto de vê-las! Me fazem lembrar as bandeirinhas das nossas Festas Juninas.

Por alguns instantes eu paro para apreciá-las, receber as graças do Divino e beber um refrescante e merecido gole de água que carrego no meu cantil.

Os telhados das residências aqui não têm queda d'água como os das nossas casas: são totalmente planos! As casas são construídas de tijolos artesanais, cimentados com estrume de iaque (espécie de boi peludo Tibetano) e curiosamente rodeados por um beiral. Em

cima deste beiral colocam gravetos e pequenos troncos, todos cuidadosamente arrumados uns sobre os outros, formando um grande cinturão em cima das casas.

E pelo visto esta família tem posses, pois a quantidade de madeira arrumada em cima dos telhados identifica o poder aquisitivo de quem ali reside. E esta tem bastante! Afinal, a madeira é um bem precioso e é ela que garantirá a sobrevivência nos meses de rigoroso inverno Himalaiano, tanto para se esquentarem quanto para cozinhareм seu alimento. Então, quanto maior a quantidade de madeira em cima dos telhados, menos fome e frio irão passar.

As crianças são independentes e brincam sozinhas. Percebo que os mais velhos tomam conta dos menores, enquanto os adultos estão trabalhando no campo.

A chuva recomeça de forma impiedosa e troca rapidamente o pó pela lama. É época das monções. Minha atenção ao caminhar passa a ser redobrada. Um escorregão e um machucado poderão prejudicar ou até impedir o restante das minhas férias, forçando-me a voltar para casa mais cedo. Estou caminhando sozinha e há pouquíssimos turistas por aqui nesta época do ano, não só por causa das chuvas, mas também pelo grande volume de nuvens no céu, que prejudica a visão deslumbrante dos picos nevados com altura acima de sete mil metros.

Minha saia já está com a barra úmida e suja e minhas botas têm uma grossa camada de terra e pedrinhas presas nas ranhuras do solado. E hoje é só o primeiro dia! Vim para fazer uma parte do Circuito Annapurna e tenho ainda mais dez dias de *trekking* nesta região.

- O que estou fazendo aqui? Visual prejudicado, chuva prevista para todos os dias, ninguém para conversar, poucos estabelecimentos abertos, máquina fotográfica cuidadosamente embalada em vários

sacos plásticos! Tenho que recordar porque estou aqui!

Fiz esta escolha dentre outras duas opções: um MBA ou um curso de inglês no Canadá por três meses. Duas opções por vontade do mercado competitivo, da vida empresarial, do mundo corporativo. Mas não era o que de fato eu tinha vontade de fazer. Minha vontade era de retornar pela quinta vez ao lugar que considero “minha segunda casa”: o Nepal.

Confesso que a decisão não foi assim tão trivial. O que posso dizer é que me lembro do instante em que decidi o que fazer. Estava na Student Travel Bureau (STB) em frente à FAAP, no Pacaembu, e estava muito claro de que era para cá que eu viria. E uma vez decidido, não houve mais questionamentos, nem arrependimentos, nem perguntas sem respostas. Me sentia serena, tranqüila, em paz. Portanto, ouvir o coração ou a razão? Eis aí uma boa pergunta.

- Portanto, Dona Sandra, aquiete-se! Você decidiu e agora que já recordou o motivo, continue andando! (Às vezes eu falo comigo mesma, você não?).

Estas ruelas enlameadas e estreitas me levam para o lado deste vilarejo em direção a um visual que me parece mais aberto. Vou seguindo minha intuição, sem pressa, e decido acompanhar um longo *mani* – um muro erguido com pedras sagradas, pois têm orações budistas talhadas – que me leva até a uma das margens altas do rio Kali Gandaki. A paisagem que se descortina à minha frente é de tirar o fôlego, tamanha a sua imensidão e altura destas encostas. O fundo cinza escuro é marcado pela água quase negra do rio bem caudaloso.

O local é maravilhoso!

A sensação é única e indescritível!

Minha alma se sente preenchida e transcende!

Não quero nem perder tempo abrindo o mapa que trago em



minha mochila para saber exatamente onde estou. Prefiro só apreciar esta natureza encantadora!

Como é lindo este lugar!

Depois de ficar talvez uns 15 minutos sentada num “confortável” banco de pedra, me levanto e decido seguir por uma trilha à minha frente. É um convite irrecusável! A trilha é larga, bem definida e segue para o alto, à minha direita, ziguezagueando as encostas do cânion de cores laranja, ocre, cinza, preto e outras nuances e variações destes tons. Uma aparência quase monocromática.

Feliz, ajusto minha mochila na cintura e recomeço a caminhada. Mas ao dar os primeiros passos ouço uma voz grossa, num inglês com sotaque inconfundivelmente asiático e num tom mandatório:

- Um momento! Aonde você vai?

- Seguir por esta trilha, respondo apontando o caminho mais óbvio.

- Você tem visto de entrada?

- Sim, respondo.

- Aqui é um posto policial e você é obrigada a fazer um registro antes de continuar sua jornada. Suba por favor!

Ok, pensei. Já sabia que encontraria alguns postos para registro de passagem durante a trilha. É uma forma que o governo Nepalês criou para controlar os montanhistas que circulam por suas terras. O famoso *trekking permit*.

Os degraus de pedra me levam até o escritório do ACAP – *Annapurna Conservation Area Project* – e o guarda me espera atrás do balcão numa sala pequena e pouco iluminada. Entrego meus documentos a ele.



Enquanto ele os folheia com curiosidade, aproveito para ver as fotos coladas nos murais em toda a extensão da sala e ler alguns textos. São imagens da região do Upper Mustang, da capital Lo Manthang, da vida silvestre, da comunidade, das crianças e do cultivo. Observo também que é possível seguir por uma trilha até a

Está claro para mim: não entrarei no reino de Upper Mustang como uma turista convencional.

divisa com o Tibet. São 90 km ida e volta por um platô com poucas montanhas nevadas. Uma região com paisagens muito distintas das tradicionais e comerciais imagens do Himalaia. Um local que chove quase nunca!

O povo hiberna durante o rigoroso inverno e, por tradição, enviam seu segundo filho homem para viver e estudar Lamaísmo num dos poucos mosteiros da região.

Que lugar fantástico!

As terras proibidas dos Loba, como é chamado o povo que vive nessa região.

Mas o que mais me chama a atenção é que eles ainda praticam a poliandria como forma de matrimônio! “Nossa! O que é isso?” Penso. E fixo minha atenção no próximo parágrafo. Poliandria significa que uma mulher pode se casar com mais de um homem. Aqui diz que normalmente são irmãos ou primos entre si. Além disso, o casamento entre eles é arranjado, claro! Pensei que culturalmente, só homens pudessem ter mais de uma esposa (os muçulmanos).

Isso realmente é uma novidade para mim!

- Puxa vida! Para quem saiu de férias sem saber exatamente aonde chegar, até que pisar em solo Tibetano não seria nada mau” penso eu.

Sinto-me atraída e mais estimulada ainda a seguir em frente e conhecer esta região lindíssima e árida!

O guarda inicia a conversa, me trazendo de volta à realidade:



- Sinto muito, mas o visto de caminhada que a senhora tem não lhe permite seguir em frente.

- Porque não? Pergunto intrigada, para não dizer indignada!

- Porque aqui é a porta de entrada ao Upper Mustang e você não tem o visto especial para entrar, ele me respondeu.

Bem vejo pelas fotos que tem algo de especial neste lugar. Mas meu visto para fazer o Circuito Annapurna deveria me permitir entrar. Resolvi insistir.

- OK. Você pode me dar esta autorização?

A autorização só pode ser dada pelos oficiais do governo em Kathmandu, com um mês de antecedência, e custa US\$ 700 por 10 dias mais US\$ 650 por um oficial do governo que acompanha o grupo, além da infraestrutura de acampamento que é obrigatória e tem que ser feita através de uma agência de trekking autorizada. Leia este folheto e você obterá todas as informações que necessitar.

Foi logo me entregando um folheto e me ignorou.

Li as informações e realmente estava na porta de entrada ao reino de Upper Mustang, uma região de acesso restrito e caríssima! E ainda teria que pagar por um acompanhante do governo. De certo é para garantir que eu não fuja para o Tibet!

De qualquer forma, mesmo que eu quisesse pagar pelas taxas, teria que retornar a Kathmandu e isso estava fora dos meus planos.

Ainda não conformada com a proibição de entrada, saio até a porta e mais uma vez deixo meus olhos “viajarem” pela imensidão do vale do rio Kali Gandaki. Meu coração bate com muita intensidade. Quer “sair pela boca”. Dói! Você já sentiu o coração doer?

Só sei que sinto uma vontade inexplicavelmente grande de entrar nesta região.

Volto ao posto policial e insisto mais uma vez. Quem sabe ele



abre uma exceção?

- Por favor, me deixe entrar! Pedi.

O guarda, magro, alto e com um sorriso meio amarelado faz um sinal negativo com a cabeça e me ignora em seguida.

- Que droga, pensei. Que guarda mais mal humorado!

Desço os degraus e volto ao banco de pedra. Coloco minha mochila num canto protegida da enxurrada que desce barranco abaixo e fico ali.

Enxugo as lágrimas numa mistura de alegria e contrariedade. Alegria pela oportunidade de estar aqui. Contrariedade por não poder entrar ali. Olho a ponta da escada e o guarda ainda me observa. Com certeza não tirará os olhos de mim enquanto eu não voltar para o centro do vilarejo. É obvio que eu não vou burlar as leis locais por mais contrariada que eu esteja.

Meu íntimo diz que eu devo entrar neste lugar. Sinto um certo calafrio, uma emoção muito difícil de explicar, as lágrimas correm sem eu saber ou entender. São sensações muito fortes.

Curiosamente, de uma forma mágica e sem precedentes, o projeto de uma expedição vem à minha mente. Completo! E até com certo grau de detalhes. Não sei como descrever esta experiência sem que perca a veracidade. Sinto que as palavras são pobres e poucas para detalhar o que sinto. O que sei é que recebo uma mensagem dizendo o que deve ser feito. Só isso! E junto vem uma emoção, uma certeza, uma luminosidade, uma clareza, um coração batendo muito forte. Um êxtase!

Estarei enlouquecendo? Será que o ar rarefeito já me faz delirar? Mas esta deve ser a razão querendo dominar a emoção...

Está claro para mim: não entrarei no reinado de Upper Mustang como uma turista convencional, mas sim liderando uma expedição.



A equipe será só de mulheres, faremos imagens para divulgação, com assessoria de imprensa e um objetivo bem definido. Farei algo profissional, buscando patrocínio e empresas que nos apoiarão.

É isso! Uma expedição feminina, com a equipe feminina de carregadoras. Será inédito!

A contrariedade da proibição foi substituída pela alegria da solução: a visualização de um projeto com começo, meio e fim. E a certeza de que eu terei sucesso nesta idéia me faz sorrir e rir sozinha enquanto caminho a procura de um lugar para me hospedar esta noite.

Namastê!

## Sandra Palma

Vilarejo de Kagbeni, Nepal, 22 de junho de 2000

(extraído do meu diário de viagem)





Expedição  
**Kali Gandaki**  
1ª Expedição Feminina Brasileira  
ao Uppen Mustang-Nepal

